

COIMBRA • 2017

62

BOLETIM DE

**ESTUDOS
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ENSINAR E APRENDER LATIM NO SÉC. XXI

TEACHING AND LEARNING LATIN IN THE 21ST CENTURY

FÁTIMA FERREIRA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

titamargarida@gmail.com

ORCID.ORG/0000-0002-2434-0988

ARTIGO RECEBIDO A 22-04-2017 E APROVADO A 05-07-2017

Resumo: A aposta crescente a que se tem vindo a assistir recentemente na área das Línguas Clássicas, no Ensino Básico e Secundário em Portugal, requer uma revisão dos conceitos da sua didática específica, que traduza uma síntese entre as práticas do passado e as novas tendências dos métodos pedagógicos. A escola do século XXI necessita de entender o Latim como uma disciplina dinâmica, cuja metodologia de ensino se aproxime da metodologia ativa das línguas modernas, valorizando a oralidade, a compreensão textual, a aquisição de vocabulário e, sobretudo, a consciencialização de que esta disciplina representa um pilar imprescindível para muitas áreas de estudo, contribuindo para a formação integral e integradora dos alunos. A importância que o Latim assume nas Humanidades requer que se atualizem os métodos, nomeadamente a abordagem da gramática e a integração da cultura. Desta forma, o presente artigo pretende constituir uma reflexão acerca das perspetivas atuais do ensino das Línguas Clássicas, analisando, em retrospectiva, algumas opiniões de especialistas e acrescentando algumas sugestões metodológicas.

Palavras-chave: Didática do Latim; Latim; Metodologias de ensino.

Abstract: The growing emphasis on classical languages requires a review of the concepts of their specific Didactics, which should consist of a synthesis of past practices and new trends in teaching methods. The 21st century school needs to perceive Latin as a living subject, whose teaching methodology approaches the active methodology of modern languages, valuing oral skills, textual comprehension, vocabulary acquisition and, above all, the awareness that this subject represents an essential pillar for many of the study areas, contributing to the integral and integrative education of students. The importance of Latin in the Humanities requires up-to-date methods, namely the approach to grammar and the integration of culture. In this mode, the present article intends to constitute a reflection on the current perspectives of the teaching of the Classical Languages, analyzing, in retrospect, some expert opinions and adding some methodological suggestions.

Keywords: Didactics; Latin; Teaching methodologies.

I - RETROSPETIVA HISTÓRICA

A visão utilitária do ensino que se foi construindo ao longo dos tempos, sobretudo a partir das últimas décadas do século XX, considera que o percurso escolar dos alunos, ao nível da formação específica, deve passar por disciplinas de carácter prático e, muitas vezes, experimental, que os prepare para o ingresso no mundo do trabalho, privilegiando as áreas das ciências exatas, das ciências da vida ou da economia. Esta visão condena para um plano secundário todas as áreas que se situem no domínio das humanidades ou das ciências sociais, como a Filosofia ou as Línguas Clássicas, entre outras.

Tal situação coloca o Latim no plano das disciplinas de elite, podendo e devendo ser estudado pelos alunos que, especificamente, pretendam prosseguir a sua formação relacionada com a área das Humanidades, mas afasta-o de todos aqueles que, independentemente do percurso que

escolheram, poderiam ter acesso a uma disciplina de carácter abrangente, que lhes permitiria o contacto direto com uma cultura ímpar, cujos ecos se continuam a fazer sentir no mundo de hoje.

Estas opções, essencialmente políticas e económicas, inscrevem o Latim no conjunto das disciplinas sem relevância necessária para serem incluídas nos *curricula* do Ensino Secundário, pelo menos de modo a que se constitua como opção visível.¹

No entanto, nem sempre o Latim esteve votado ao esquecimento e ao desinteresse. Se recuarmos, a título de exemplo, aos séculos XVI e XVII, constatamos a publicação, na Europa, de dois importantes textos, que constituem as primeiras manifestações estruturadas em relação ao conceito de Didática em geral: *Ratio Studiorum*, da Companhia de Jesus, e *Didactica Magna*, de Coménio, respetivamente. O legado que nos deixaram permanece, até hoje, com uma atualidade excepcional, tanto pelos conceitos transmitidos como pela forma visionária com que sintetizaram as questões inerentes à dinâmica do ensino e da aprendizagem. Mas a sua importância permanece, sobretudo, pelo relevo que atribuíam ao estudo do Latim. De acordo com estes dois testemunhos os jovens eram primeiramente instruídos através do estudo das línguas, das humanidades, da retórica e das artes, considerando-se que estes pilares constituíam pressupostos equitativos para a prossecução dos estudos seguintes. O Latim e toda a Antiguidade Clássica constituíam uma base imprescindível e transversal. “Estudar os clássicos era, pois, recuperar, acima das ruturas, uma unidade cultural e linguística fundamental para a formação da consciência histórica” (Miranda 2009: 21).

Estes dois importantes documentos mostram-nos, apesar da distância temporal face à realidade hodierna, uma visão muito objetiva

1 De salientar que, no ano letivo de 2015-2016, foi criada a disciplina de Introdução à Cultura e Línguas Clássicas, destinada essencialmente a alunos do Ensino Básico. Esta medida, que parece contrariar a tendência para a perda de expressão dos Estudos Clássicos em geral no sistema de ensino em Portugal, não tem repercussões diretas nas opções do Ensino Secundário.

acerca do ensino, com a consciência clara da necessidade de estabelecer uma série de procedimentos didáticos cujo objetivo máximo é a aprendizagem completa e abrangente dos alunos.

Conscientes de que na época em que estas duas obras foram redigidas a área das Humanidades era transversal a todo o ensino, uma vez que o aluno contactava obrigatoriamente com as línguas da Antiguidade, há que olhar para o seu legado como um ponto de partida, um ponto de convergência entre o passado e o futuro.

Ora, na atualidade, e como referimos anteriormente, a situação é distinta. Esta circunstância deve-se a múltiplos fatores: um deles é o entendimento generalizado de que o conhecimento considerado mais erudito e abstrato deve dar lugar ao conhecimento prático e funcional; outro fator é a crítica aos métodos tradicionais² que se associam ao ensino das Línguas Clássicas, métodos que se consideram austeros por solicitarem a cada passo a memorização de elementos dispersos e sem sentido na realidade vivencial dos alunos. Em suma, “os que se opõem ao ensino do Latim relatam o carácter ineficaz e estéril do seu ensino” (Delgado 1959:153).

Será importante, neste ponto, recuperarmos as palavras de dois professores metodólogos, proferidas no *Colóquio sobre o Ensino do Latim*, realizado em Coimbra, em 1973, quer pela atualidade que mantêm, quer pela visão lúcida que transmitem:

“Quer a cultura grega, quer a cultura romana evidenciam um propósito dominante, que é o de ultrapassar o circunstancial, o quotidiano, o subjectivo, o imediato, criando dos mesmos uma visão generalizada e libertadora [...] os programas liceais precisam de prestar maior atenção a estes e outros aspectos, para não se poder pensar que estudar Cícero ou Virgílio, Tito Lívio ou Séneca, seja apresentar das suas obras

² A este propósito, recomenda-se a leitura de alguns estudiosos, como Sandra Ramos Maldonado, Cristóbal Macías ou Gala López de Lerma, cujo trabalho se tem centrado em questões relacionadas com a metodologia de ensino do Latim, em Espanha.

extractos, para depois os dissecar em análises gramaticais de tipo classificativo. Não! O que é necessário é que os alunos, de alguma maneira, entendam o valor humano e estético destas obras, não por meio de um aleatório critério impressionista, sim, por se estar já relativamente de posse da situação histórica e dos valores culturais que as informaram. (...) ser-se levado a declinar nomes e a conjugar verbos, a decorar regras sintácticas que não se entendem, a admirar uma cultura que verdadeiramente se não conhece, mas que se convencionou sublimar, a traduzir extractos de obras cujos conteúdos básicos se ignoram ou a verter frases portuguesas para latinas com o objectivo primordial de salvaguardar regras gramaticais que não se chegam também a discernir.” (Gomes 1973:56-57)

“...o professor tem de franquear aos aprendizes do latim os acessos ao mundo em que viveram os homens que o falaram e escreveram. É preciso que os alunos se movimentem dentro desse mundo com relativo à-vontade, que ele se lhes vá tornando cada vez mais familiar, que lhes seja possível encontrar progressivamente os elos que ligam os nossos valores culturais aos da civilização greco-romana.” (Faria 1973:71)

129

Recordem-se, ainda, as palavras de Ernesto Faria, na sua obra *Introdução à Didática do Latim*, quando refere que “os estudos secundários não são um simples ponto de escala no caminho apressado para as escolas superiores, mas que encerram uma finalidade própria de cultura e formação, conclui-se que os ensinamentos ministrados nesse curso devem convergir inteiramente para essa formação e cultura, sem preocupações de ordem puramente utilitária ou de especialização” (Faria 1973:107).

II - PERSPETIVAS

Apesar das adversidades supramencionadas, a conjuntura atual permite-nos considerar que a situação das Humanidades em Portugal,

nomeadamente o ensino das Línguas Clássicas, terá condições para crescer. Para tal, é de realçar uma série de iniciativas que têm sido levadas a cabo nos últimos anos³. Além disso, o facto de o Ministério da Educação ter relembado as escolas acerca da permissão de abertura de turmas de Latim e Grego com um número de alunos inferior ao exigido por lei para a generalidade das opções curriculares, será, certamente, uma forma de alguns estabelecimentos de ensino conseguirem contornar as barreiras que nos últimos anos impediram que o Latim e o Grego se incluíssem no conjunto das opções.

A importância que o Latim assume nas Humanidades requer, por conseguinte, que se atualizem os métodos, nomeadamente os modos de abordagem da gramática e de integração da cultura, relacionando-a no contexto histórico e social em que vivemos, tendencialmente voltado para o pragmatismo e imediatismo, trabalhando a interação com outras áreas. Recordando as palavras de Garcia (2011:4), não podemos descuidar a conceção de que “a educação é o meio mais adequado para construir a personalidade, desenvolver ao máximo as capacidades, formar a identidade pessoal e configurar a sua compreensão da realidade. Neste sentido, Grécia e Roma concentram as bases linguísticas e culturais precisas para entender aspetos essenciais da civilização ocidental. Conhecer o passado ajudar-nos-á a conhecer e valorizar o

130

3 <http://xanaaareis.wix.com/projeto-pari-passu> [consultado a 20-03-2016]
<http://www.cambridgescp.com/Upage.php?p=clc%5eport%5eintro> [consultado a 15-04-2016]
<http://www.tmp.letras.ulisboa.pt/cec-recursos-e-instrumenta> [consultado a 14-04-2016]
<http://thiasoscech.blogspot.pt/> [consultado a 19-04-2016]
<https://itunes.apple.com/pt/itunes-u/teatro-classico-festea-e-thiasos/id413583271?mt=10> [consultado a 15-04-2016]
<http://www.dge.mec.pt/introducao-cultura-e-linguas-classicas> [consultado a 20-04-2016]
<http://www.ed.uc.pt/educ/curso?id=94> [consultado a 20-04-2016]

nosso presente”, não perdendo de vista a ideia de que “o estudo das humanidades eleva o espírito, a criatividade e a imaginação” (Lauriola 2012:6).

III - SUGESTÕES METODOLÓGICAS

A análise à bibliografia específica tem demonstrado que, apesar da distância temporal, as opiniões acerca da necessidade de revitalizar métodos não têm divergido de forma significativa no último século. A comprovar esta constatação, estão as opiniões que a seguir se transcrevem.

“Porque si el Humanismo consiste no tanto em conocer quanto en sentir la Antigüedad classica, que sentimiento puede brotar allí donde cada palabra es una barrera que cierra el paso a le comprensio del pensamiento?” (Delgado 1959:160).

131

“Considerando que o latim não é mais uma língua de falantes nativos e que seu uso é restrito a determinados contextos, o objeto de ensino língua latina é basicamente o que se registra nos textos que nos legou a tradição. Por outro lado, as atividades de uso oral da língua ou as de escrita de pequenas composições podem contribuir para o desenvolvimento de uma leitura mais fluente, razão pela qual muitos métodos apresentam esses tipos de atividades” (Amarante 2013:176).

A primeira ideia a combater junto de um grupo de alunos que inicia a sua aprendizagem de Latim, ou que está a ponderar a escolha da disciplina, é que se trata de uma língua morta e sem interesse, o que passa por uma motivação para o seu estudo assente, por exemplo, na percepção de que o Latim se usa de modo reiterado no quotidiano atual, em diversos domínios. É preciso causar simpatia e entusiasmo, explorar a etimologia das palavras, por exemplo, ou unir a gramática ao vocabulário, para que se possa traduzir, falar ou escrever, pois “o sucesso

está ligado à motivação” (Nogueira 1994:196). É preciso privilegiar o uso coloquial do Latim (ler textos, fazer perguntas em Latim e respostas também em Latim), para que os alunos não encontrem grande diferença entre estas aulas e as aulas de línguas modernas. É muito oportuno que o professor explore os “realia” (Delgado 1959:138), como mapas, livros, imagens, fotografias, pequenos diálogos, publicidade, entre outros). Uma abordagem a este nível contribuirá, de forma efetiva, para que o Latim recupere o seu lugar junto das línguas vivas.

Centramos, neste ponto, a nossa reflexão num dos elementos que constitui, incontestavelmente, a base da maior parte das aulas de Latim: o texto.

Na análise dos manuais escolares que estiveram em uso até há alguns anos no nosso país, constata-se que a maioria privilegiava, pelo menos numa primeira fase da aprendizagem, a utilização de frases soltas ou de textos adaptados, muitas vezes descontextualizados e cujo interesse residia, quase exclusivamente, em se focarem em determinado conteúdo gramatical, que eventualmente seria oportuno abordar naquele momento. Estas frases e textos, quase sempre criados pelos autores dos respetivos manuais, concorrem para a visão estereotipada de que o Latim é uma língua de gramática, desprestigiando o universo cultural e ideológico que se encontra nos autores consagrados e que são o exemplo marcante de uma língua que se quer viva⁴.

A abordagem aos autores clássicos e canónicos é fundamental, embora de forma progressiva, e com um universo de fontes tão vasto, como a literatura latina dos vários períodos contemplados nos programas do Ensino Secundário, não é difícil encontrar exemplos com níveis de dificuldade diferentes, que podem ser utilizados nas diversas fases do processo de ensino-aprendizagem, evitando o recurso a adaptações que, na maioria das vezes, se revelam estéreis e desajustadas.

4 Convém referir, neste ponto, o importante contributo de vários artigos constantes do Livro de Actas do Colóquio *As Línguas Clássicas: investigação e ensino*, realizado em Coimbra, no ano de 1993.

Contudo, há que ter em conta que o texto, apesar da sua inegável força, não pode ocupar um lugar de exclusividade. Como afirma Rodrigues (1992: 226), “tratamos demasiado o texto como pretexto para ensinar a gramática da língua. Esquecemo-nos de que, para além dum conhecimento explícito da gramática, existe um conhecimento implícito que permite, em muitos casos, e sem necessidade de se descer a minúcias analíticas, a apreensão do sentido da frase. Por outro lado, em textos de dificuldade moderada, sobretudo se narrativos, nem sempre é necessário recorrer à tradução para lhes acompanhar satisfatoriamente o sentido. Em tais casos, o professor pode controlar o nível de compreensão do texto através de exercícios alternativos, como um questionário (de preferência em latim), uma paráfrase, um reconto (ambos em português), ou uma súpula (em latim)”.

Ora, o texto, na sua plenitude, é um instrumento, de facto, privilegiado, sendo variados os percursos que se podem traçar numa aula de Latim cuja centralidade seja preenchida por um documento escrito. Atente-se, a título de exemplo, nos novos programas escolares franceses, datados de 2013, nos quais se defende que as línguas e culturas antigas permitem ao aluno descobrir a riqueza dos textos fundadores, conhecer em perspetiva as representações do mundo que todos os dias surgem na nossa sociedade de comunicação; construir um cidadão autónomo, crítico e consciente. Os mesmos documentos referem que o ponto central do trabalho em sala de aula deverá ser o texto, que desenvolve a competência de interpretar, transversal a todas as disciplinas.

Iniciando a abordagem textual a partir do contexto de produção, o professor poderá explorar, por exemplo, a época, as circunstâncias históricas ou a vida e a obra do autor, “apresentar ao aluno o autor latino que este vai ler, explicar-lhe, de forma que não esteja fora do alcance de sua inteligência, a obra deste autor, é despertar-lhe o interesse pelo objeto do seu estudo” (Faria 1959:258). As ilustrações, que muitas vezes complementam os manuais e os textos em português, “destinados à explicação ou explanação de assuntos referentes à vida

romana, às instituições públicas e particulares, à história antiga, à mitologia” (Faria 1959:173) tornam-se elementos facilitadores da ação do professor. Se, pelo contrário, essas informações não constarem do manual, o universo de materiais a que o docente poderá recorrer é infundável, quer em suporte de papel quer através de recursos digitais.

Ponderando um percurso completamente diferente, poder-se-á iniciar a abordagem com a leitura do próprio texto (realizada expressivamente pelo professor, mas, num segundo momento, pelos alunos, tendo em atenção as regras de acentuação latina, o ritmo e a expressividade, partindo-se depois para a compreensão dos aspetos essenciais do texto (tema, assunto, recursos estilísticos, eventualmente, personagens, espaços referidos, ...). Esta exploração pode pressupor questões em Latim (a partir de um guião de leitura ou de um questionário), que permitam respostas simples, levando o aluno a percorrer o interior do texto, indo ao encontro dos elementos que o compõem e que lhe conferem coesão e coerência.

134

Este último processo (em geral pouco aplicado nas atividades de sala de aula), devidamente automatizado, poderá contribuir para criar autonomia nos alunos e aproximar as atividades das aulas de Latim daquelas com que contactam há mais tempo em outras aulas de língua. Além do mais, a compreensão prévia do texto latino abre portas para a tradução, atividade muitas vezes central nestas aulas, como atesta o testemunho seguinte: “este tipo de leitura (funcional) é sempre a porta de entrada para qualquer texto que se queira explorar nos diversos planos de estudo das línguas clássicas (linguístico, literário, cultural, etc.), o que significa, simplesmente, como norma geral, que nenhum texto deve ser explorado sem primeiro ter sido lido e compreendido” (Sequeira 1992:197).

IV - EM CONCLUSÃO

A relevância que o Latim deverá ocupar no currículo do século XXI exige que se estabeleça, concretamente, um conjunto de procedimentos a ter em conta para a aprendizagem desta segunda língua, essencial não só para todos os que se interessam pelas Humanidades, mas ainda para aqueles que, em áreas diferentes, necessitam de adquirir um conhecimento abrangente acerca da língua portuguesa e da cultura ocidental, cuja herança não se pode dissociar do Latim.

A inexistência de uma comunidade de falantes implica que o Latim e o Grego sejam ensinados com base em textos escritos, privilegiando o método declarativo e explícito, no entanto o recurso às TIC é uma das possibilidades a ter em conta, não só pelas suas vantagens, mas também pelo facto de constituírem uma sedução para alunos do século XXI, cuja atração pelo mundo digital não pode nem deve ser descurada pela escola.

A relação direta que o Latim e o Grego estabelecem com o Português e com outras línguas modernas, a herança que a Cultura Ocidental recebeu da Antiguidade Greco-Latina e as repercussões que a Cultura e as Línguas Clássicas têm tido em vários domínios, como as artes plásticas, a literatura, o teatro, a filosofia ou a ciência, mostram a vitalidade daquelas línguas da Antiguidade e justificam, por si só, que se repense a noção da sua didática específica.

135

BIBLIOGRAFIA

- AAVV. (1993), *As Línguas Clássicas. Investigação e Ensino. Actas*. Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos.
- AAVV. (1996), *Historia y métodos en la enseñanza de las lenguas clásicas*, I Encuentro Científico y pedagógico. Actas, Vitoria Gazteiz.

- Adrados, F.R. (1989), *Didáctica de las Humanidades Clásicas*. Madrid, Ediciones Clásicas.
- Amarante, J. (2013), “O professor e o método: pepéis, diálogos e dilemas”, *Estudos Linguísticos e Literários* 48: 62-90.
- Baños-Baños, J.M. (2009), “Cómo analizar un texto en latín: consideraciones sobre la didáctica de la Gramática Latina”, *Class* 1.1. Madrid, 50-68.
- Código Pedagógico dos Jesuítas (2010), “Ratio Studiorum da Companhia de Jesus” (edição bilíngue latim/ português), tradução e organização de Maria Margarida Miranda. Lisboa, Editora Esfera do Caos.
- Damião, M. H., Festas, M.I. (2013), *Necessidade e responsabilidade de ensinar. Educação, perspetivas e desafios*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Delgado, J. (1959), “El Congreso de Latín vivo y su proyección pedagógica”, *Estudios clásicos*, Tomo 5, 28:153-171.
- Didactica Magna*, Coménio (2006), introdução, tradução e notas de José Gomes Ferreira. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Faria, E. (1959), *Introdução à Didática do Latim*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
- Faria, M. C. N. (1973), “Metodologia do latim”, in *Colóquio sobre o Ensino do Latim*, Actas. Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos.
- Forrest, M. (1996), *Modernising the classics. A study of curriculum development*. Cambridge, University Press.
- Freire, M.T. (1992), “Leitura expressiva e compreensão do texto”. *Boletim de Estudos Clássicos* 17: 79-85.
- Freire, M.T. (1997), “Aprender Latim hoje: otium an negotium?”, in *Colóquio Clássico*, Actas. Aveiro, Universidade de Aveiro.
- García, M. L. (2011), “Herramientas para la enseñanza de la cultura clásica”. *Thamyris, Revista de Didáctica de Cultura Clásica* 2: 3-14. Málaga.
- Gomes, L. S. (1973), “Lugar e Necessidade do Latim no Currículo Liceal”, in *Colóquio sobre o Ensino do Latim*, Actas. Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos: 51-63.
- Lauriola, R. (2012), “The challenging of teaching the value of classics today: the «children at the university» project. Paths toward the future and

pedagogical matters” *Thamyris, Revista de Didáctica de Cultura Clásica* 3: 3-69. Málaga.

Lister, B. (2007), *Changing classics in schools*. Cambridge, Cambridge University Press.

Nogueira, A. (1994), “O Latim, o Programa, os Autores do Programa, o Latim dos Autores”, in *CLASSICA – Boletim de Pedagogia e Cultura* 20: 195-198.

Pighi, G.B. et alii (1955), *Didattica del Latino*. Roma, Angelo Signorelli Editore.

Rodrigues, M. (1992), “A Leitura no Processo de Ensino/Aprendizagem das Línguas Clássicas”, in *CLASSICA – Boletim de Pedagogia e Cultura*. Lisboa, Departamento de Estudos Clássicos.

Savater, F. (2006), *O valor de educar*. Lisboa, Dom Quixote.

Sequeira, S. (1992), “A Leitura Funcional na Didáctica das Línguas Clássicas”, in *CLASSICA – Boletim de Pedagogia e Cultura*. Lisboa, Departamento de Estudos Clássicos: 195-204.

Wülfing, P. (1986), *Temi e Problemi della Didattica delle Lingue Classiche*. Com pre-messa di carlo Santini. Roma.